

A tela reproduzida na capa deste catálogo, aquela ardente paisagem na qual por milagre os brancos e os ouros se salvaram da conflagração geral, convi da insistentemente a ser comentada. O convite se explica talvez pelo fato de ser a reprodução um objeto que destoa do seu contexto: este catálogo está na escrivaninha colocado entre papéis, livros, e outros objetos incolores e corriqueiros, e provoca com sua precária extraordinariedade. Mas se explica quiçá também por uma razão oposta: não é nada extraordinário atualmente imaginar-se um mundo em chamas, a ponto de poder-se imaginar essa cena apocalíptica em clima calmo e contemplativo, por assim dizer "um piano ao cair da tarde no último dia do mundo". Talvez seja esse lirismo estológico que quer ser comentado.

Bem sei: não se deve comentar reproduções, e o original eu o vi apenas por instante. E bem sei: não se deve isolar um único aspecto de uma obra, mórmente tratando-se de aspecto semântico, portanto sujeito à interpretações subjetivas. Mas não é sedutor tentar fazer os visitantes da Chelsea ler o presente comentário, compará-lo com o original na parede, e com as demais telas que o cercam? Assim terão esses visitantes a experiência talvez não isenta de interesse de vêr até que ponto comentários podem errar de alvo. E, afinal, que quer dizer "não se deve" em época que supera tão elegantemente valores?

Pois a reprodução da tela na minha escrivaninha sugere o seguinte: no fim de uma longa caminhada, tendo passado pelos prados do impressionismo e pelas oficinas do cubismo, tendo acordado suado dos pesadelos do surrealismo e tendo sobrevivido aos sustos do abstracionismo, chega o viajante ao pôrto. Calmas são as águas profundas do lago do esquecimento, que espelham os céus que ainda refletem a conflagração cósmica apenas acontecida, e que banham os escombros brancos da cidade dos homens e dourados da cidade dos deuses. Homens e deuses, já não os há na calma da tarde, tragados que foram pelo incêndio cujas cinzas esfumaçadas cercam a cena, mas ainda balançam suavemente os mastros dos barcos abandonados na superfície da baía. No horizonte longínquo no fundo do quadro vislumbra o viajante o outro lado do lago, com seus edifícios altos e quiçá com suas torres de catedrais, poupados talvez da ira do dia, mas talvez meras cascas ôcas a atestarem o vendaval impiedoso que passou por elas. Mas o outro lado do lago não seduz o viajante. Não visa novas aventuras. Chegou a bom pôrto. Bom exatamente por estar abandonado pelos deuses e homens, e exatamente por ainda estar quente da exaustão do profano e sacro que nele ardia. Um bom lugar portanto de descanso. E quem observa o quadro observa aquele instante imediatamente anterior ao cair do pano.

Não insiste demasiadamente na minha leitura do quadro. Talvez seja ela produto pelo menos tanto de uma disposição passageira minha quanto da obra que me é proposta objetivamente. Mas por certo a disposição passageira está an

VILÉM FLUSSER

corada na obra objetiva, não se daria sem ela? E a obra objetiva se realiza na disposição passageira? E a obra poderá abrigar inúmeras disposições diferentes, minhas e de outros, igualmente passageiras? E terá portanto tantas facetas quantas as disposições passageiras nas quais vier a se realizar porventura? De modo que esta reprodução na minha escrivania, (cujo original o leitor tem na sua frente na parede oposta), contribuiu, ao provocar em mim a disposição passageira que resultou na leitura proposta, para a realização do original que o leitor está observando. Que seja. Que portanto o leitor e observador se transforme em consumidor da obra. Isto é: que oponha à minha leitura a sua.